

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE  
Programa Ações Afirmativas**

**Wendell Quirino Pereira**

**A ausência ou presença de questões étnico-raciais nos livros de 5º a 9º anos da coleção  
“Português Linguagem”**

**Belo Horizonte  
2016**

**Wendell Quirino Pereira**

**A ausência ou presença de questões étnico-raciais nos livros de 5º a 9º anos da coleção  
“Português Linguagem”**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Lilian Cristina B. Gomes

Co-orientador: Prof. Mestre Natalino Neves da Silva

**Belo Horizonte  
2016**

**Wendell Quirino Pereira**

**A ausência ou presença de questões étnico-raciais nos livros de 5º a 9º anos da coleção  
“Português Linguagem”**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola.

Área de Concentração: Igualdade Racial

---

Profª. Dra. Orientadora: Profª. Drª. Lilian Cristina B. Gomes - UFMG

**Belo Horizonte  
09 de abril de 2016**

A Deus dedico mais essa etapa vencida, aos meus pais pelo apoio, à minha esposa pelo carinho, e ao meu filho.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lilian Cristina B. Gomes pelo incentivo.

Aos professores da UFMG e às tutoras por suas importantes contribuições para o aprimoramento do trabalho.

Aos meus colegas de jornada.

## RESUMO

Esse estudo visa analisar as possibilidades de desenvolvimento da melhoria do processo de ensino e da aprendizagem das questões ligadas ao tema das relações étnico-raciais nas aulas de Língua Portuguesa, por meio da análise da coleção “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães para os alunos do Ensino Fundamental II da Escola Municipal de Lapinha, na cidade de Lagoa Santa. No decorrer desse trabalho serão abordadas temáticas como: literatura, raça, cor, educação, Ensino e Língua Portuguesa, bem como os processos de aprendizagem. Como resultado da pesquisa verifica-se que a utilização e a introdução da questão étnico-racial ajuda no processo de inserção da temática e que as estratégias utilizadas no trabalho de interação na mediação pedagógica, resultam em maior êxito no processo ensino e aprendizagem dos alunos nos anos finais do ensino fundamental II.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem; literatura afro-brasileira; língua portuguesa e relações étnico-raciais

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the possibilities on development of teaching and learning process improvement, regarding ethnic-racial relations in Portuguese Language, through the analysis of Portuguese Languages collection, with Elementary School students, from Lapinha Municipally School. Therefore, throughout this research, some themes were explored, such as: Literature, race, color, and also learning processes. As a result, the use and introduction of ethnic-racial matter helps in the process of insertion with this thematic and all the strategies adopted during the activity of pedagogical interaction, are able to impact on a bigger success with teaching-learning process for students from the last years of Elementary School.

**Key-words:** Teaching-learning; afro-brazilian literature; Portuguese language; ethnic-racial relations.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>9</b>
<b>1 INTRODUÇÃO AO ESTUDO</b> .....	<b>9</b>
1.1 Educação Definição .....	9
1.2 Educação e a Lei Federal .....	11
1.3 Ensino - Aprendizagem .....	12
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>13</b>
<b>2. O livro Didático</b> .....	<b>13</b>
2.1 Currículos .....	17
2.2 Importância da implementação da lei .....	18
2.3 Literatura Afro .....	19
2.4 Contextualização .....	20
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>22</b>
<b>3. Desenvolvimento</b> .....	<b>22</b>
3.1 Dados da Atividade .....	22
3.2 Duração das Atividades .....	23
3.3 Atividade 1 - Tema Afro nas Tirinhas .....	23
3.4 Atividade - 2 .....	25
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>26</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>27</b>

## CAPÍTULO I

### 1. INTRODUÇÃO AO ESTUDO

#### 1.1 Educação Definição

Educação engloba os processos de ensinar e aprender esses são básicos no processo educativo em qualquer comunidade e em qualquer época. Não apenas na escola pode-se encontrar esse fenômeno, como também em qualquer lugar e em diferentes maneiras. Sempre que se fala em educação logo vem à mente a ideia de um professor em pé de frente para o quadro e de alunos sentados em fileira, sendo o professor o responsável pela sua manutenção e perpetuação a partir da transposição às gerações que se seguem, dos modos culturais de ser, estar e agir necessários à convivência e ao ajustamento de um membro no seu grupo ou sociedade.

Entre os sentidos de educação (sócio-político e cultural), chamo a atenção para àquele atrelada à política. De acordo com Charlot (1986):

A educação é bastante política. Transmite modelos sociais e normas sociais de comportamento. Inculca na criança ideal sociais que formam sua personalidade. Propaga idéias sócio-políticas. É encargo da escola, que é uma instituição social. Tudo isso prova que a educação é um fenômeno socialmente determinado. Mas os modelos e os ideais sociais, assim como as idéias sociais e as pressões sociais que se exercem sobre a escola, são múltiplas e muitas vezes antagônicas. A educação efetivamente recebida pelas crianças, bem como o poder político, está na medida em que traduz as relações de força no seio da sociedade global, a educação é mais do que social, é política. (CHARLOT, 1986, p.10).

Um grande processo de socialização é um fenômeno observado em qualquer sociedade e nos grupos constitutivos dessas. Um cacique ensina e seus discípulos e filhos aprendem. Não precisando ser numa escola como é nossa visão ocidental, com prédio físico e professores. No Capítulo IV Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, contemplados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), consta que:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – direito de ser respeitado por seus educadores; (...); V –

acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência. Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. Art. 54. É dever de o Estado assegurar à criança e ao adolescente: (...); VII – atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. § 3º compete ao poder público recensear os educadores no ensino fundamental, fazer-lhe a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola. Art. 57. O poder público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodológica didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório. Art.58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a esta liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.

A educação de qualquer forma é um grande tesouro que temos em nossas mãos, em que Delors (2000) afirma que:

Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surfe como um trunfo indispensável à Humanidade na sua construção dos ideais de paz, de liberdade e de justiça social. Ao terminar os seus trabalhos, a Comissão faz questão de afirmar sua fé no papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas quanto das sociedades, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, às pressões, as guerras. (DELORS, 2000, p.8).

Ainda segundo Delors (2000) “um bom mestre precisa de quatro competências para ensinar, sendo elas: aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a viver juntos e aprender a ser. São competências a qualquer sistema e local e necessárias à aprendizagem ao longo da vida”.

Aprender a fazer está ligado à área profissional ou formação profissional, em que cada vez mais se exige um determinado grau de estudo. Conhecer e fazer são essenciais e em certo ponto coloca em evidência o qualificado e o experiente, ambos possuem um grau de ensino diferenciado, mas que juntos conseguem chegar a um resultado final.

Sobre o aprender a conhecer, atualmente, é mais cômodo pegar ideias já prontas, pois tudo já está entregue em nossas mãos. Já que os adolescentes não se comunicam tanto como antes, pois o *messenger* é bem mais rápido e fácil. Tudo isso prejudica a ferramenta de aprendizagem.

Aprender a viver juntos é um difícil trabalho para educação e educadores que sentem na pele a terrível força da violência. De um lado a educação tenta trabalhar de forma integral à não violência, de outro a sociedade que não contribui de forma expressiva, indiretamente,

acaba a apoiando. É importante dizer que para acontecer o viver juntos deve-se acordar para um novo tempo, em que a comunicação tanto da mídia como na educação (línguas) aproxima tanto gregos como troianos, quer dizer a escola em si é a porta para aprender a viver juntos, a mobilização, a solidariedade e atividades esportivas e outras ajudam a diminuir conflitos sociais e auxilia a aprender a conhecer o outro.

O aprender envolve, o que eu sou dentro de uma comunidade e como acontece esse desenvolver do eu dentro dessa mesma comunidade. Modelado não só pela escola, mas também pela sociedade, profissão, o apoio às atividades artísticas, religião que irão se agregar na construção do novo homem.

Assim, considerando a educação formal e informal pode-se dizer que uma nova geração vem surgindo com mais sede de conhecimento, com a educação trazendo novos rumos para sua realização. Modalidade de currículo cujas propostas oficiais orientam; determinam; sinalizam e induzem à aplicação de determinados conteúdos. É chamado por Sacristán (2000) de Currículo Prescrito. Vejamos o que esse autor diz sobre:

O currículo prescrito para o sistema educativo e para os professores, mais evidente no ensino obrigatório, é a sua própria definição, de seus conteúdos e demais orientações relativas aos códigos que o organizam, que obedecem às determinações que procedem do fato de ser um objeto regulado por instâncias políticas e administrativas. (SACRISTÁN, 2000, p.82).

## 1.2. Educação e a Lei Federal

A Constituição Federal do Brasil no “Título VIII – Da Ordem Social – Capítulo III – Seção II – Da Cultura” afirma que:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais. Art. 216. Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços

destinados às manifestações artístico-culturais. (Constituição Federal do Brasil, 1988, art. 215-216).

### **1.3 Ensino-Aprendizagem**

O ensino é uma forma sistemática de transmissão de conhecimentos utilizada pelos humanos para instruir e educar seus semelhantes, geralmente em locais conhecidos como escolas. Ensinar não é apenas transmitir conhecimento, mas sim intermediar segundo o pensamento de Freire (1996) quando afirma que "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas" (Freire (1996, p. 28). Ou ainda que:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor - que ensinar não é transferir conhecimento - não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educando nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (Freire, 1996, p.27).

Para o autor, a educação deveria ser instrumento de mudança para sociedade, na economia, relações humanas, direitos ao trabalho, educação, terra e saúde, mostrando ainda, que ensinar é todo um processo de troca entre aluno e professor, em que ambos aprendem, adquirem e sanam dúvidas, e crescem como seres humanos com autonomia, independente da situação e do seu meio. O ensino pode ser praticado de diferentes formas e em muitos lugares. Não existe uma obrigação de onde e para quem ensinar. Ensinar é uma questão bem ampla. As principais formas são: o ensino formal, o ensino informal e o ensino não formal. O ensino formal é aquele praticado pelas instituições de ensino, com respaldo de conteúdo, forma, certificação, profissionais de ensino, e outros. E esse tipo de ensino está relacionado ao processo de socialização do homem e ocorre durante a vida toda, muitas vezes até mesmo de forma não intencional. O ensino não formal, por sua vez, é intencional. Em geral, é àquela relacionada à processos de desenvolvimento de consciência política e relações sociais de poder entre os cidadãos, praticadas por movimentos populares, associações, grêmios, e outros. Os limites entre essas três categorias de educação não são extremamente rígidos, eles são permeáveis, pois estamos aprendendo constantemente e por diferentes vias e agentes.

## **CAPITULO II**

### **2. O livro Didático**

Estudar o livro didático é um grande desafio para todos da educação, a crítica principal é que ele é sempre descontextualizado, ou seja, não é compatível com a realidade dos alunos. O Ministério da Educação (MEC) e professores de um modo geral nos últimos anos tentaram adequar o ensino e realidade das comunidades, mas que segundo Rangel (1994) “trata-se, portanto, de saber se o livro oferece ao aluno diversificados e heterogêneos, do ponto de vista do gênero e tipo de texto, de tal forma que a coletânea seja mais representativa do mundo e da escrita” (Rangel 1994, p. 10) A Coleção “Português Linguagem” será analisada na presente monografia e é composta por quatro volumes para as faixas etárias de 6, 7, 8 e 9 anos, sendo que todos são divididos em 4 unidades e 12 capítulos cada um. Muitas vezes a crítica aos livros didáticos é pela falta de contextualização com a realidade dos alunos e sociedade. Na maioria das vezes, os professores são obrigados a seguir um currículo e um livro didático que às vezes é imposto pela casa.

Conforme pode-se observar pelas seguintes imagens, a cópia do sumário do livro do 7º ano, os temas e a disposição dos mesmos, há um modo branco e tradicional de abordar os assunto.

Figura 1

SUMÁRIO	
<b>UNIDADE 1 – Heróis</b>	12
De olho na imagem: cartum, de Carlos e fotos de Carlos	
<b>CAPÍTULO 1 – O herói e a conquista do impossível</b>	14
A língua em foco: A, O, Fraseologia e Conjunção de subordinação	
Estudo do texto	16
Compreensão e interpretação	16
A linguagem do texto	18
Leitura expressiva do texto	19
Trocando ideias	19
Ler é descobrir	20
Produção de texto	20
O mito	20
Para escrever com técnica	24
O narrador	24
A língua em foco	27
O verbo (I)	27
A estrutura do verbo	29
Verbos regulares e irregulares	31
Formas nominais do verbo	33
Locuções verbais	34
Semântica e discurso	36
De olho na escrita: g ou j (II)	37
Diversão	
<b>CAPÍTULO 2 – Duas faces de herói</b>	38
Paralelo na escrita de Anacleto, Jacques-Louis Maranda e os dois personagens (fragmento de Dom Quixote de La Mancha), Miguel de Cervantes	41
Estudo dos textos	42
Compreensão e interpretação	42
A linguagem dos textos	43
Cruzando linguagens	44
Trocando ideias	46
Produção de texto	46
A língua em foco	46
O verbo (II)	48
Tempos do subjuntivo	50
O subjuntivo na construção do texto	53
Semântica e discurso	54
Diversão	55
<b>CAPÍTULO 3 – O herói que habita em mim</b>	56
O que tem por trás daquilo que o narrador conta de Loyola Brandão	56
Estudo do texto	58
Compreensão e interpretação	58
A linguagem do texto	60
Leitura expressiva do texto	61
Trocando ideias	61
Produção de texto	62
A língua em foco	63
O advérbio	63
O advérbio na construção do texto	66
Semântica e discurso	67
De olho na escrita: g ou j (III)	68
Diversão	69
<b>Interleio</b> Projeto: Heróis de todos os tempos	70
<b>UNIDADE 2 – Viagem pela palavra</b>	74
De olho na imagem: anexo público	
<b>CAPÍTULO 1 – A palavra no reino da ternura</b>	76
Tema de ternura, Tillya do Mallo	
Estudo do texto	76
Compreensão e interpretação	77
A linguagem do texto	78
Leitura expressiva do texto	78
Cruzando linguagens	79
Trocando ideias	79
Ler é reflexivo	79
Produção de texto	80
O poema	80
A língua em foco	84
A morfossintaxe: seleção e combinação das palavras	84
Sujeito e predicado	86
O sujeito e o predicado na construção do texto	88
Semântica e discurso	90

Fonte : Figura 9 referente ao sumário do livro.

Fonte: Português Linguagens - 7º Ano – William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães- 2012



Figura 19 do livro Painel – Inserções da imagem no corpo do livro.

Fonte: Português Linguagens - 7º Ano – William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães- 2012.

Figura 3



Figura 21 do livro A queda de Ícaro, de Jacob Peter Gowi.

Fonte: Português Linguagens - 7º Ano - William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães 2012

O professor ao usar o livro didático como suporte se vê na obrigação de seguir algo distante da realidade. No livro “Português Linguagem” percebe-se pouca presença de oralidade, textos elitizados e textos de diferentes autores são bem tradicionais, ele segue sempre uma regra estabelecida pela norma. Com isso nota-se a sua não heterogeneidade.

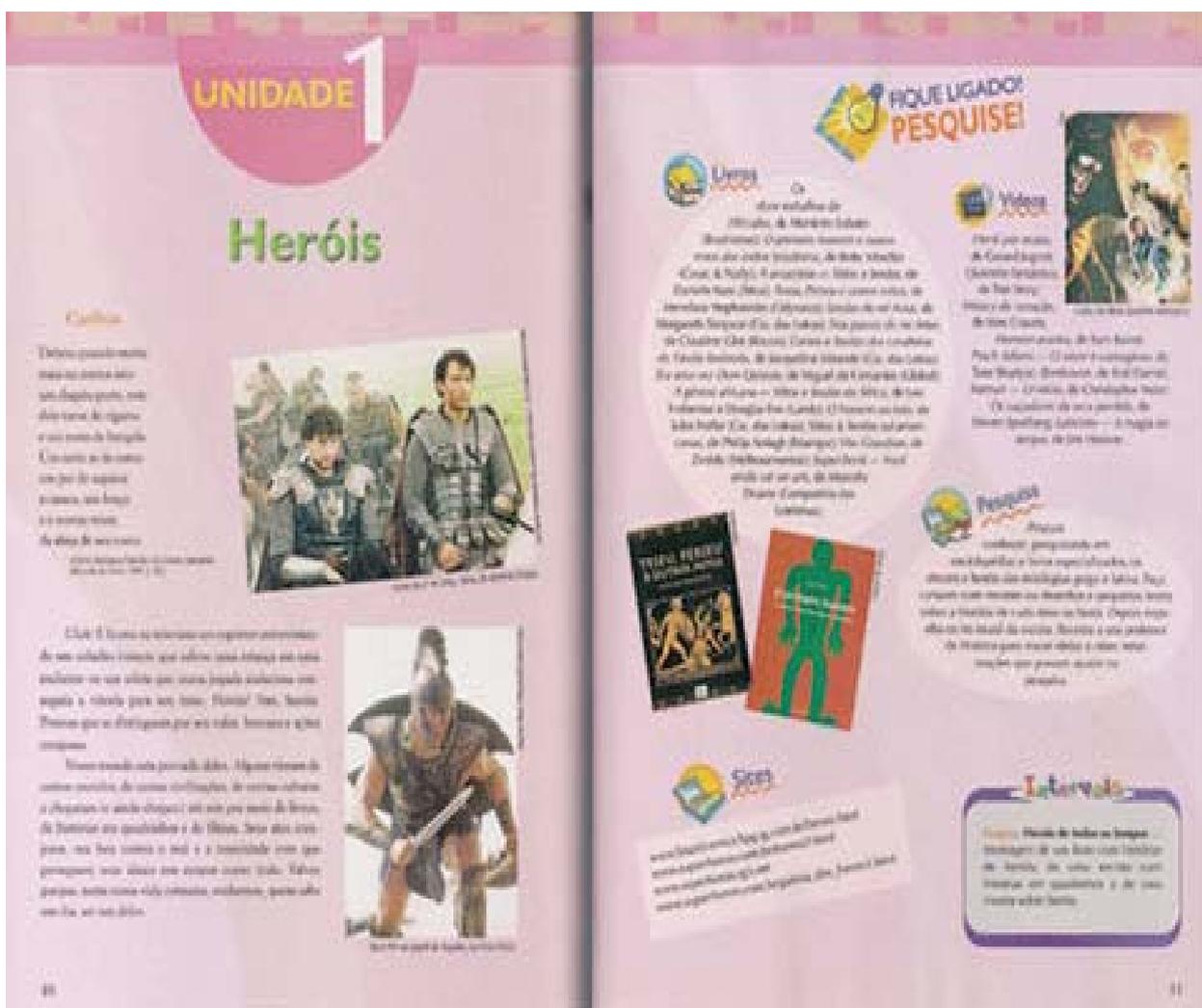
O maior problema é que os textos, muitas vezes, são descontextualizados da realidade dos alunos, não sendo representativa do mundo deles. Por isso estudá-los, na perspectiva de materiais didáticos, sempre é muito importante para melhorar seus conteúdos.

No livro encontramos vários tipos de textos: poemas, canções, contos, imagens, cartazes, tirinhas etc., mas nenhuma aborda o tema das relações étnico-raciais. Por que será? É uma grande pergunta que precisa ser respondida por diversos segmentos da sociedade num todo. Citarei alguns exemplos: no Capítulo 1 do livro do 7º ano que é intitulado "O nascimento de um herói", logo vem a grande pergunta, que herói é esse? Homem Aranha, Batman e deuses gregos. Nada de africano é encontrado, provando que existe conceitos de

raça e herói na mente dos brasileiros. As pessoas retratadas são bonitas, brancas e fortes. Nota-se a presença de grandes heróis ocidentais. Na página 132 do mesmo livro, encontramos a figura do Saci, mas no viés do deficiente.

Constata-se que no livro do 8º ano no Capítulo 2 da unidade 3 que é intitulado “Racismo? Estou fora!”. O racismo é tratado, mas pelo viés da gramática, não encontramos uma discussão sobre o texto ou da questão racial em geral. As perguntas e questionamentos são todas gramaticais. Tudo é muito superficial.

Figura 5



Fonte: Figura 5ª do livro Português Linguagens - 7º Ano – William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães - 2012.

Figura 6

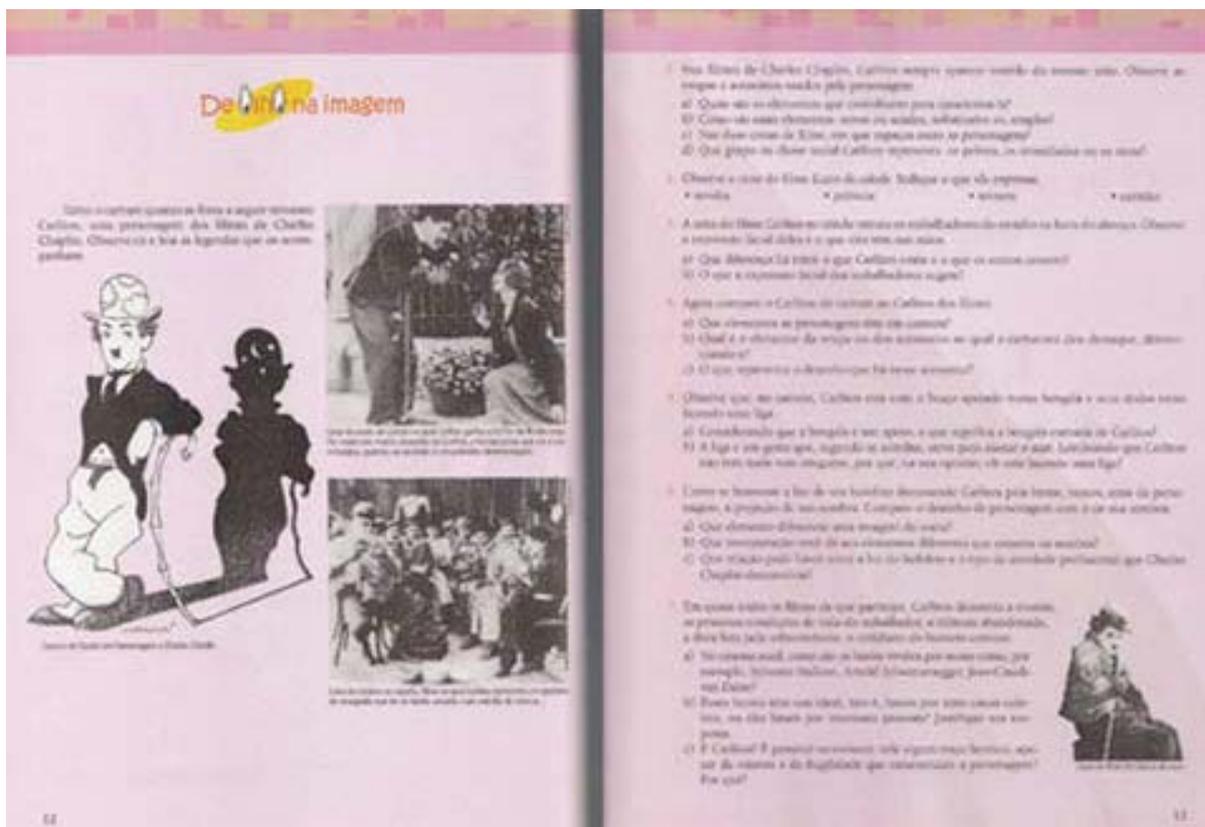


Figura 5b Figuras 5a e 5b: Abertura da Unidade 1. Figura 5c: Abertura do Capítulo 1 da Unidade 1.  
 Fonte: Português Linguagens - 7º Ano – William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães - 2012

## 2.1 Currículos

Notava-se que, ao longo do ano, as aulas de Língua Portuguesa nas escolas onde trabalhamos havia pouca discussão acerca da questão étnico-racial, e até mesmo nenhuma discussão em relação às questões de raça e relações étnicas brasileiras. Muitas ausências ainda são percebidas nesse fato. Poucos educadores se interessam pela discussão e quase nenhum realiza alguma discussão acerca do tema. Os alunos não são diferentes, mas se abordarmos o tema em sala de aula, com certeza, se interessariam. Mas o problema de fato é que a escola não discute o problema étnico-racial em seu próprio ambiente.

Percebe-se que nos livros didáticos não tem a discussão sobre essa temática. Nota-se também que o problema já começa nos textos de Língua Portuguesa encontrada nesses livros. Não nota-se um reconhecimento e uma identificação de todos com a temática. Durante o curso tivemos vários conhecimentos acerca da questão étnico-racial e percebemos que poucos

escritores negros são estudados ou mesmo abordados nos livros de Português para crianças de 5 a 9 anos.

Segundo Cavalleiro (2003), “na escola, em situações em que há conflitos entre crianças, são vencedoras da disputa aquelas que utilizam xingamentos que se referem à raça negra de forma negativa. A inação das crianças negras xingadas revela uma mistura de “medo, dor e impotência” (Cavalleiro 2003, p.09). Os textos, figuras e outras abordagens didáticas são feitas de forma preconceituosa, discriminatória e com falta de respeito à população negra. O absurdo é constatar nos livros, de todos os anos de escolaridade essa triste realidade. E isso não restringe-se ao livro de língua materna, mesmo que os alunos tenham que expressar sua opinião. Também não encontra-se nada em relação à questão racial ou atividades, sejam em textos orais ou textuais. Observa-se que os livros didáticos contrariam uma lei Federal nº 12.288/2010 que segundo os incisos III e IV determinam que:

III - desigualdade de gênero e raça: assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais; IV - população negra: o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga.

## **2.2 Importância da implementação da Lei**

Implementar a lei é uma clara questão de respeito e inclusão de uma população tão excluída. Ser negro não é uma opção de vida, mas sim um grande modo de existir no mundo. Tratando-se da questão racial, os livros didáticos abordam muito pouco ou quase nada do problema. Quando é abordado dá-se de uma forma distorcida e não realista. Dentre as conceituações e/ou definições sobre os livros didáticos, Gatti Júnior (2004) coloca que:

Material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação; materiais caracterizados pela seriação dos conteúdos; mercadoria; depositário de conteúdos educacionais; instrumento pedagógico; portador de um sistema de valores; suporte na formulação de uma História Nacional; fontes de registros de experiências e de relações pedagógicas ligados a políticas pedagógicas da época; e ainda como materiais reveladores de ângulo do cotidiano escolar e do fazer-se da cultura nacional. (Gatti Júnior, 2004, p. 35)

Mesmo os negros sendo a maioria na nossa sociedade, o tratamento acerca da questão racial ainda é bem desconhecido. A maioria é negra, mas os livros retratam outra realidade, por exemplo, as personagens desses livros didáticos são de pessoas brancas. A população negra é que mais sofre com a discriminação. Segundo o MEC a discriminação racial ou étnico-racial é “toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social e cultural”.

Diante desse contexto de exclusão de cunho étnico-racial na sociedade, os livros didáticos deveriam ter um tratamento diferenciado, visando objetivar o respeito e igualdade entre os gêneros e no que se refere às questões étnico-raciais. Esse é o segmento da sociedade que menos tem acesso ao estudo, escolarização em diversos níveis e ao conhecimento. E são as maiores vítimas da violência. Os dados corroboram isso. No que se refere à área do trabalho, consideramos que as taxas de desemprego, de informalidade e de precarização são mais elevadas para os negros, e que a renda média mensal percebida por esse grupo racial é substancialmente menor, sendo assim, é de se esperar que o percentual de negros que contribuem para a previdência oficial também seja menor. De fato, em 2001, de acordo com dados da PNAD/IBGE o percentual de negros ocupados, com 16 anos ou mais, que contribuíam para a previdência era de 39%. Esse percentual, no entanto, saltava para 54% entre os brancos.

Pode-se perceber acima que os negros são as maiores vítimas da não instrução escolar, sendo necessário fazer intervenções visando a melhoria dos dados.

### **2.3 Literatura - Afro**

Temos um potencial tecnológico, humano e material, mas não temos preparação ou mesmo vontade de explorá-lo. Já é sabido que os professores não são preparados para discutir essa ou outras questões que são muitas como: cor e raça. E também não fazem uso de música, textos dentre outras ferramentas. No trabalho que propusemos a realizar lançamos mão de textos, músicas e da estética por meio do trabalho com o significado dos cabelos, enfim, diversas linguagens. Precisamos sistematizar sua utilização como ferramentas educacionais para tal fim. A questão racial deverá estar presente em diversos tipos de textos que circulam na internet, de uma maneira positiva e não negativa como acontece diariamente, associando a

imagem do negro à violência, pobreza e exclusão, por isso a discussão acerca da temática faz-se necessária. O problema tem que ser discutido, analisando as soluções apresentadas.

Em todo o mundo a questão racial é tema polêmico. No Brasil não é diferente. E mais: existem dificuldades adicionais na medida em que a longa e histórica estabilidade da desigualdade entre negros e brancos faz que o convívio cotidiano com ela passe a ser encarado pela sociedade como algo natural. (Jaccoud, 2002, p.21).

Os nossos alunos não têm incorporado, culturalmente, a questão racial, devido ao pouco conhecimento de muitos. Eles estudam e aprendem sobre o tema de uma maneira distorcida. A coleção “Português Linguagem” que propusemos estudar mostra-nos uma coleção tradicional de livros didáticos que não tem quase nada ou nada acerca da questão racial seja nos textos, mídia, literatura, publicidade, dentre outros.

Temos que usar a linguagem do rádio, TV, videoclipe, internet, hipertexto, do game e outros espaços virtuais usados diariamente para comunicação como: Facebook, blog e similares ao MSN para abordar o tema em casa, na escola, no trabalho e em ambientes diversos. Cabe a nós mostrarmos para eles as possibilidades de uso educativo que esses meios têm.

## **2.4 Contextualização**

As políticas públicas pouco têm conseguido fazer em prol da formação de educadores reflexivos. Discutir a questão racial nas escolas ao invés de ser uma grande ajuda nas práticas educacionais nas aulas diversas, tem sido, muitas vezes, um grande impasse para os educadores, gestores, diretores etc. Com isso temos uma grande reclamação por parte do estudante em relação às aulas. Segundo o Plano das Diretrizes e Bases:

Educação para políticas étnico-raciais orientada para a divulgação e produção de conhecimentos, bem como atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnicorracial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. (PLANO DE DIRETRIZES E BASES, 2003, p.7).

Percebe-se que a educação tem que ser presente no cotidiano das escolas. As aulas tradicionais estão presentes em grande parte das escolas brasileiras e o medo de inovar é ainda muito grande, não sendo facilmente superado com treinamentos de professores. Conforme

Cyneiros (1999) “o fato de se treinar professores em cursos intensivos e de se colocar equipamentos nas escolas não significa que as novas tecnologias serão usadas para melhoria da qualidade do ensino.” (Cyneiros, 1999, p.9). Novas tecnologias para programar a questão racial nas escolas, será um grande avanço.

Na verdade, não sabemos porque os educadores, na sua grande maioria, não abordam o tema das relações étnico-raciais nos ambientes escolares. Isso se deve à não inclusão do tema nos currículos das escolas. Craidy & Kaercher (2001) afirmam que:

Os currículos têm a pretensão de ser neutro, isto é, servir igualmente a todos, sem considerar que o sujeito que aprende é menino ou menina, negro/branco/amarelo/mestiço (...). Enfim, que as crianças envolvidas na experiência curricular são "caracterizadas pelas diferenças". (CRAIDY & KAERCHER, 2001, p. 20).

Dentro dos planos decenais, por incrível que pareça, não tem nada relacionado à questão racial, cor, sexo dentre outros temas. Fala-se aqui de um plano de 2016. O governo não incluía, mas depois de 2003 com a Lei 10.639 passou a incluir a questão racial como uma obrigação no estudo de varias disciplinas, mas as escolas não aplicam essa lei alegando não fazer parte do currículo. Já que segundo Bento (1998) a utilização do termo racismo subentende claramente que existem raças puras e que estas são superiores às demais e, ainda que tal superioridade, quando estabelecida, determina privilégio de uma raça sobre a outra, atitude que hoje tem consequências históricas e isso é posto em evidencia quando lemos um trecho do Relatório do Comitê Nacional para a Preparação da Participação Brasileira na III Conferência Mundial das Nações Unidas Contra O Racismo, Discriminação Racia, Xenofobia e Intolerância Correlata.

Racismo e as práticas discriminatórias disseminadas no cotidiano brasileiro não representam simplesmente uma herança do passado. O racismo vem sendo recriado e realimentado ao longo de toda a nossa história. Seria impraticável desvincular as desigualdades observadas atualmente dos quase quatro séculos de escravidão que a geração atual herdou (BRASIL, 2001).

## CAPITULO III

### 3. Desenvolvimento

Diante da ausência ou presença das questões étnico raciais, nos livros de 5º a 9º ano “Português Linguagem”, a proposta do presente capítulo é apresentar uma intervenção que busque introduzir essas questões por meio de diferentes experiências em sala de aula quando o tema proposto tem uma reação negativa. Em sala de aula, notei que o estudo do livro didático sempre restringia-se ao estudo da gramática, não sendo importante o texto. Agora estudamos demais o texto, mas muitos descontextualizados da realidade dos alunos e da sociedade. O tema étnico-racial quase não é trabalhado, com exceção em um capítulo do livro esse tema é abordado. Por quê? Uma grande pergunta que necessita de resposta urgente. Propus oficinas com o objetivo de despertar o interesse dos alunos pelo tema étnico racial, será feito de acordo com as necessidades das turmas e a realidade local, estabelecendo o problema e a proposta de conteúdo para a sala de aula. Introduzi imagens de pessoas negras: Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Solano Trindade, Joaquim Maria Machado de Assis.

Esse trabalho foi e está sendo desenvolvido em sala de aula por meio de atividades para a sua exploração, sistematização e para a conclusão dos trabalhos. O objetivo é levar os alunos perceberem nas diversas partes da escola, seja através de em cartaz, folder, fotos, textos em diversos suportes presentes nos livros ou até mesmo no ambiente escolar que a questão étnico-racial deve perpassar o cotidiano escolar. Os alunos fizeram observações diretas no entorno familiar, observações indiretas em desenhos e/ou vídeos, experimentações e leituras. Assim, foram várias atividades, descritas logo abaixo. Nada está concluído, o nosso trabalho é uma intervenção no ambiente escolar, levando os alunos a despertar sua sensibilização e percepção acerca das questões étnico-raciais. A seguir apresento as atividades que foram propostas:

#### 3.1 Dados da atividade

O que o educando poderá aprender com esta atividade:

- Aprender a respeitar a diversidade cultural e lúdica dos países das pessoas africanas, por meio de dinâmicas e brincadeiras populares desse continente;

- Aprender os regulamentos e estimular o pensamento da cultura afro;
- Aprender a desenvolver a percepção do próprio educando frente à questões étnico-raciais.

### **3.2 Durações das atividades**

Cada atividade terá um tempo aproximado de 50 minutos.

### **3.3 Atividades 1 – Tema Afro nas tirinhas**

Duração: 50 minutos

Material: vídeos da internet e livros didáticos

Local: sala de aula

Para iniciar a atividade propusemos a análise das tirinhas do Capítulo do livro do 5º e 6º anos, detectando ausência ou presença da cultura afro ou questão racial neles. Foi uma breve contextualização sobre a diversidade cultural e natural do continente africano por meio de vídeos da internet.

### **3.4 Vídeos que serão utilizados na aula**

- Reportagem produzida pela EPTV Campinas, afiliada da Rede Globo, sobre a África. Uma viagem pela vida selvagem da África do Sul, Botswana, Namíbia, Zimbabwe e Zâmbia.

Duração: 5'23”.

Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=1G-qkMRuOPk&feature=related>

Acesso em: 07 fev. 2015.

- Reportagem produzida pela EPTV Campinas, afiliada da Rede Globo, sobre a África. Uma viagem pela vida selvagem da África do Sul, Botswana, Namíbia, Zimbabwe e Zâmbia.

Duração: 8'55”.

Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=6kQr1hZwuQQ&feature=related>

Acesso em: 07 fev. 2015.

- Imagens de cidades do continente das pessoas africanas que não são mostradas nos livros didáticos. Somente com uma boa pesquisa, podemos ver o outro lado do continente africano que não nos é mostrado.

Duração: 5'44".

Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=3vllE0-Xuo0&feature=related>

Acesso em: 07 fev. 2015.

- Histórias Animadas: A Cor da Cultura, Bruna e a Galinha d'Angola. Vídeo: contribuição para procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira - UFRGS.

Duração: 6'25".

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eqvqBT41lWY>

Acesso em: 07 fev. 2015.

- História: Menina Bonita do Laço de Fita.

Duração: 5'25".

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=gzMdC-Hwo2I>

Acesso em: 07 fev. 2015.

Após assistirem aos vídeos, as professoras solicitarão aos educandos que façam desenhos representando o que assistiram. As professoras também pedirão aos alunos que façam uma leitura dos desenhos feitos, por meio dessa atividade os docentes instigarão os educandos sobre a cultura étnico-racial, visando explorar o respeito ao nosso planeta e a todos as pessoas que nele vivem. As professoras explicarão que é muito bom termos uma diversidade de etnias em nosso país. Essa atividade será a oportunidade de promover o respeito e a valorização às etnias existentes, sem distinção.

- Vídeo: Breve História da Cultura Africana. Um apanhado maravilhoso sobre a cultura africana de um modo geral. Religião, costumes, ritmos, paladar, linguagem e outros. Um breve histórico expositivo de tudo.

Duração: 10'38".

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=RPzxt1iZGiA>

Acesso em: 07 fev. 2015

### **3.5 Atividade - 2**

Os alunos, juntamente com os educadores, com o uso dos livros didáticos da coleção selecionada para o estudo procurarão em revistas, na internet, livros, jornais, figuras de personagens de pessoas negras ou afros descendentes, para conversação e montagem de um painel. As professoras também farão a leitura de algumas biografias de pessoas negras: Pelé, Mandela, Zumbi dos Palmares. Após a montagem do painel, o mesmo será exposto para que toda a escola possa ver e fazer uma reflexão sobre a vida das pessoas negras no Brasil e no mundo.

### **3.6 Resultados Alcançados**

Os primeiros resultados alcançados, os visuais, serão expostos mediante acompanhamento das atividades desenvolvidas durante as aulas de Língua Portuguesa. Os alunos assustaram e estranharam o tratamento do tema, contudo, no final, gostaram muito e acharam interessante do mesmo. E até ficaram de pesquisar mais acerca do assunto. Os resultados com isso foram totalmente positivos e de grande valia. Em suma, espera-se que esse estudo continue sendo útil para a vida acadêmica.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o livro “Português Linguagem” é dedicado a alunos das classes privilegiadas, esse pode ser um dos motivos de não haver praticamente nada de questões raciais. Não apenas nessa coleção, mas em muitos outros livros de didática de Português e outras disciplinas, mostram essa exclusão. Compreendo que o presente estudo será muito proveitoso para debater no meio acadêmico essa temática e, com isso, propor uma intervenção no ambiente escolar.

A avaliação ocorrerá, no transcorrer do projeto, em qualquer período do procedimento educacional, de forma contínua e diagnóstica; com a finalidade primordial de rever a própria prática docente criando novas possibilidades para estimular os educandos a desenvolverem suas potencialidades levando em conta, especialmente, os avanços individuais dentro da coletividade e a participação no desenvolvimento de todas as atividades (de acordo com as peculiaridades de cada educando).

Também, ao final das atividades, os professores(as) pedirão aos educandos que relatem para os pais tudo que foi aprendido na aula. Os docentes solicitarão aos educandos, que peçam aos pais para escreverem um breve comentário sobre as atividades que foram desenvolvidas durante a implementação do projeto. Desse modo, penso que esse projeto poderá colaborar para a construção de uma postura crítica frente aos livros didáticos, o que poderá impactar junto aos autores e, futuramente, esperamos que nesses livros não haja a ausência de questões de cunho étnico-racial, mas ao contrário que elas sejam presentes e retratem a pluralidade dos modos de criar, fazer e viver de todo o povo brasileiro.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 123 p

AGUIAR, M. A. da S. (org.) [ ] **Educação e diversidade: estudos e pesquisas**. Marcia Angela da Silva Aguiar, Ahyas Siss, Iolanda de Oliveira, Janete Maria L. de Azevedo, Márcia Soares de Alvarenga, Petronilha Beatriz G. e Silva, Rachel de Oliveira. (orgs.) [ ]. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos. Ed., 2009. Disponível em: <[http://www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/artigos\\_vol\\_2.pdf](http://www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/artigos_vol_2.pdf)>.

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M.G. **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade**. Brasília: EditoraUnesco,2006.

BAIROS, Luiza Helena de. **Desigualdades raciais e políticas públicas**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2004. 1 DVD (ca 50 min.): son., color.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Texto Compilado. Disponível :<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.BRASIL.

**Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>.

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 09.01.03**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. BRASÍLIA. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos Temas Transversais – Ética. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília- MEC / SEF, 1997b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>.

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana. Brasília/DF: SECAD/MEC, 2004.

CAVALLEIRO, Elaine. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Elaine. **Racismo e anti-racismo na educação:repensando a nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2003

BOTKIN, J. **Aprender a ser**. Barcelona: CEAC, 1974.

CASTANHO, Maria Eugênia L. M. **A Criatividade na Sala de Aula Universitária**. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro & CASTANHO, Maria Eugênia L. M e (Orgs.). **Pedagogia Universitária: A aula em Foco - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)**. Campinas, SP: Pa DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 2000. pirus, 2000.

CHARLOT, B., 1986. *A Mistificação Pedagógica – Realidades Sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (Francófona). In: *GÊNEROS orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004b. p. 41-70.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

\_\_\_\_\_. *Educação na cidade*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1991

GATTI JÚNIOR, Décio. *A Escrita Escolar da História: Livro Didático e Ensino no Brasil (1970 - 1990)*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004

GRAZIOLA JUNIOR, P. G. & SCHLEMMER, E. (2008). *m-Learning (Aprendizagem com Mobilidade) como Possibilidade de Prática Pedagógica e Formação Docente?*. In: **14º CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância "Mapeando o Impacto da EaD na Cultura do Ensino-Aprendizagem"**, 2008, São Paulo - SP. Anais do 14º CIAED, Disponível em <http://gpedu-unisinos.blogspot.com/>.

FLORES, E. C. *Nós e eles: etnia, etnicidade, etnocentrismo*. Direitos Humanos: capacitação de educadores. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2008, v. II.

SILVA, P. B. G. *Escola e Discriminações: negros, índios, cultura erudita*. In: SOARES, L. (Et.al.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b, p. 738-755.

GOMES, Nilma Lino (Org). *Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003*. Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português- linguagens*, vol. 6, 6º aos 9º ano do ensino fundamental. Ensino fundamental

II. São Paulo: Atual, 2009. (Conforme nova ortografia)

JACCOUD, Luciana Ramos de; BEGHIN, Nathalie; IPEA. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília: IPEA, 2002. 151 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais** MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula*.

In: \_\_\_\_\_. *Linguagem e Ensino*, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: \_\_\_\_\_ ;

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. 1998. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *A língua portuguesa nas salas de b@te-p@po e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986. 88p.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, (RJ): Vozes, 1999. 140p.

RIBEIRO, Matilde. (Org.) **As políticas de igualdade racial:** reflexões e perspectivas. São Paulo. ed. Perseu Abramo: 2012. 287p.

SOUZA, Neus SACRISTÁN, J. Gimeno. *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática.* 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PLANO nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana. Brasília (DF): Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, [2004]. 102 p (Internet)

ZIAVINE, Denise Conceição das Graças. **A cor das palavras:** alfabetização de crianças negras entre estigma e a transformação. Belo Horizonte, 2012.